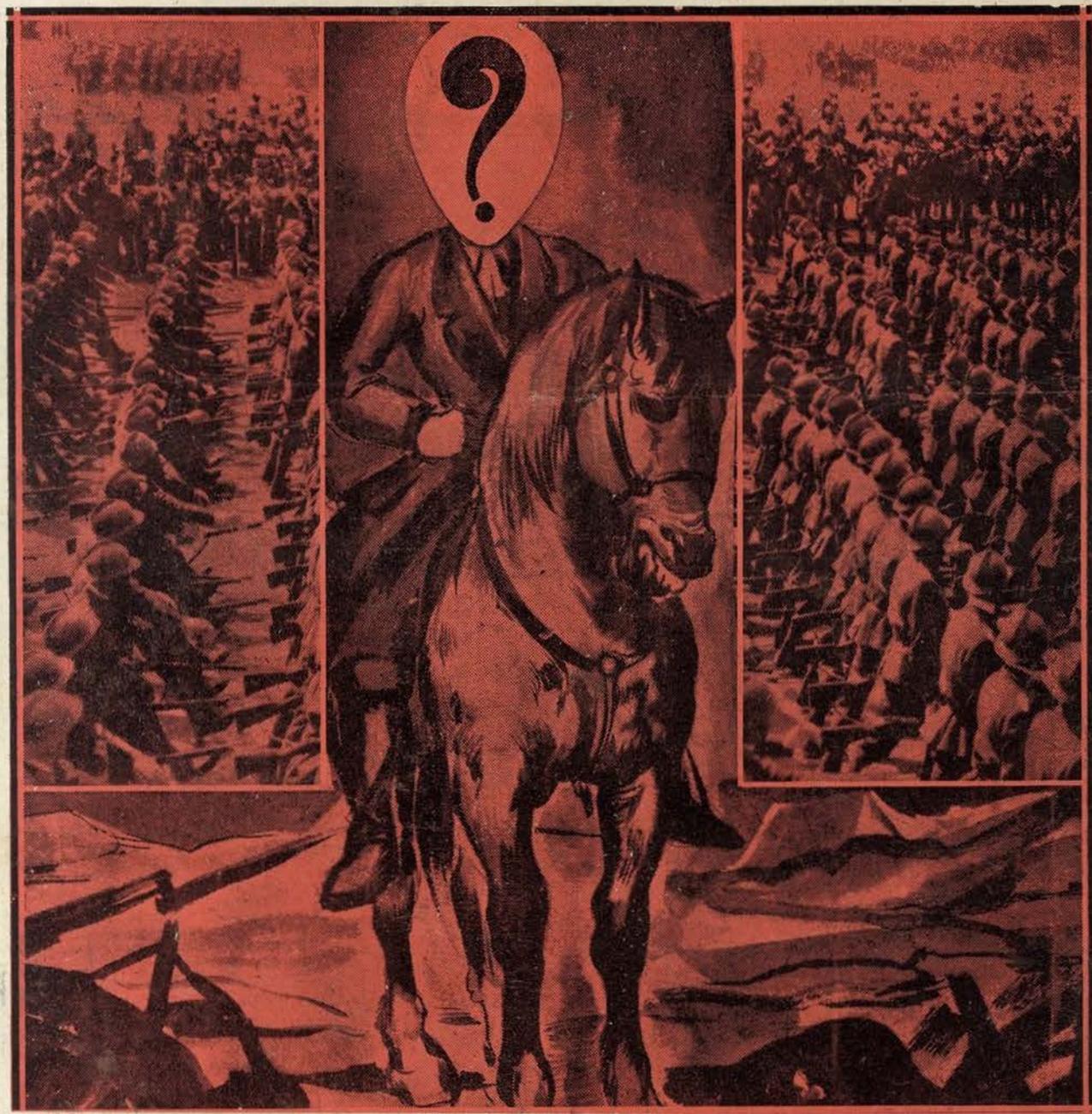


Semanário de
Actualidades e Reportagens
N.º 110 — ANO III

Preço 1 Escudo

Reportagem

SEMANÁRIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NUMERO: Homens e Factos do Dia — Médicos falsos e verdadeiros — O perigo que ameaça a Europa — O célebre Club de New York do Pôrto — Como morrem os portugueses lá fora — O contrabando do Crêpe-ceylão — No coração do Brasil, etc.

ESPECTACULOS

DE LISBOA

TEATROS

- Nacional** — «O Diabo Azul», esplendida comédia popular.
Politeama — Grandioso successo da revista «O dia das romarias».
Variedades — A magnífica farsa musicada, «Ó Costa, vai-te deitar».
Trindade — Grande êxito da comédia «O filho do Rei dos prêgos».

GINEMAS

- S. Luiz** — A ótima super-produção cômica, «A sua melhor cliente».
Tivoli — O admirável fonofilm «Vingança de Aguias».
Condes — Retumbante successo, da engraçadíssima comédia, «A mulher do meu noivo».
Palácio — A adorável comédia romântica, «Alvorada do Amor».
Olimpia — O sensacional filme «A féra da cidade».
Cine-Ginásio — O famoso fono-filme «Pamplinas, amante improvisado».
Lys — Um espectáculo emocionante «Frankenstein».

DO PORTO

- Teatro Sá da Bandeira** — Continúa com grande êxito, a formidável fábrica de gargalhada «Mexilhão».
Teatro Carlos Alberto — «Areias de Portugal», o grande successo da actualidade.
S. João — A adorável opereta «Um coração, um beijo, uma mulher».
Salão Trindade — A esplendida super-produção, «O meu campeão».
Olimpia — Reprise do ótimo filme «Estupefacientes».
Rivoli — A fascinante super-produção «O filho da América».
Batalha — Dois filmes de cartaz: «O Telhudo» e «Era uma vez um Rei...».

AZEITE SANTOS

O Melhor Azeite Português



R. José Falcão, 8

PORTO

reporter

O SEMANÁRIO DE MAIOR TIRAGEM E
: : : EXPANSÃO EM PORTUGAL : : :

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS
: ACONTECIMENTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS :

Sai às sextas-feiras e é posto à venda
simultaneamente em todo o país

Propriedade de EDIÇÕES X LIMITADA

Director e Editor

REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua Sampaio Bruno, 12-5.º
PORTO

Comp. e Imp. na Tip. e Enc. Domingos de Oliveira, Campo Martires da Pátria, 144 - A - Porto

3 meses — série de 12 números Esc. 11\$50
6 » — » » 25 » Esc. 22\$50
12 » — » » 52 » Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os
respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

ALHAMBRA

Cabaret - Dancing - Restaurant

O Salão mais alegre e divertido do Parque Mayer

Cinema e Variedades

Aberto tãda a noite

Preços com grande PREJUÍZO por dissolução judicial

LIQUIDAÇÃO FORÇADA

SOBRETUDOS GABARDINES

Feitos. Milhares em tãdas
as qualidades e medidas

Impermeáveis. Milhares e milhares.
O maior de todos os sortidos

NÃO CONFUNDIR:

LEÃO DA MODA (mesmo em frente do : Mercado do Bolhão :)

373 — Rua Sá da Bandeira — 373 — PORTO

N.º 110 — ANO III

Sexta-feira, 17 de Fevereiro de 1933

REDACTORES NO PORTO

Reinaldo Ferreira (Reporter X)

Fernando Cal

J. Vieira Alves

Hugo Rocha

Guido Severo

Santos Pereira

REDACTORES EM LISBOA

Alfredo Marques | Noberto Araujo

Artur Portela | Sá Pereira

Jaime Brazil | Santos Vieira



a nossa infâmia; residia nessa palavra — ela desapareceu. Apaguei-a eu! Venci-a! Esmaquei-a! Não posso, neste grito de revolta e de vitória, esquecer o Homem que foi a Ciência e Alma da Batalha — o médico e o amigo a quem devo a minha cura — dr. Augusto Pires de Lima.

Tenho orgulho desse triunfo —

como o tenho dos meus filhos; como o sinto pelo Amor Sagrado que ilumina o meu lar!

E sinto esse orgulho precisamente porque essa palavra era forte como uma muralha; cruel como o Mal; e para a vencer sofri, voluntariamente, o que eles não teriam a coragem de sofrer!

Se era essa palavra a minha maldição — ela já não existe! Contudo os que m'a atiravam como uma sentença de Deus, estão todos rotulados por fraquezas mais fracas, por desonras mais vergonhosas, por vícios mais repugnantes! Que façam o que eu fiz; que sofram o que sofri; que se reabilitem como eu me reabilitei! DESAFIO-OS!

REPORTER X

Ourivesaria Aliança

Ouro - Pratas - Joias

OFICINAS PRÓPRIAS

RUA DAS FLORES

PORTO

DENTRO de poucas horas vou abandonar o «atelier» onde fui o mármore duro de uma obra forte, de que me orgulho; onde arranquei da carne quatro anos malditos; onde, como num milagre, me encontrei a mim próprio, me restitui a mim mesmo — após uma longa e aflitiva separação... Dentro de poucas horas vou regressar à vida, àquela ventura suave e doce, terna e nobre, que só o Trabalho e o Amor podem oferecer... Dentro de poucas horas vou abrir definitivamente as portas de um paraíso-falso, alucinante, suicida, onde me sequestrarei, como numa penitenciária de grades doiradas, durante quatro anos, e voltar ao paraíso verdadeiro, ao paraíso de que eu desertara, ao paraíso que eu ia perdendo, como um louco, mas que decididamente reconquistei...

Estou calmo, na calma das consciências satisfeitas... Pela última vez vou visitar o meu quarto de doente... Olho à volta, a despedir-me de tudo o que me cercou durante meses de harakiri de alma, testemunhas mudas e constantes das horas mais dolorosas da minha existência — e por isso mesmo as mais másculas... Recordo-as, uma a uma, como um soldado veterano, ao reviver as batalhas que venceu... E, estranho fenómeno: um vago sentimento de nostalgia me invade agora — agora que vou deixar para sempre este quarto... É a nostalgia da

Dor — paradoxo infinito, mas mais humano do que a Saúde da Ventura. Sou dos que creem na divindade da Dor, dos que afirmam que a Dor é mais fecunda que o Prazer. A Dor é o preço iniludível de todas as criações, a chave infalível da própria Vida. Da dor, da dor sagrada de nossas mães, nascemos todos nós, pecadores e santos, ignorantes e sábios, covardes e heróis...

Sinto saudades das horas amargas, das horas-fel que sofri neste quarto, porque são o meu orgulho de homem, porque foram elas a arma que me ajudou a vencer o mais poderoso e tirânico dos inimigos...

Regresso à Vida, ao Trabalho, ao Lar... O «Reporter X», o meu jornal, sombra querida de mim próprio, regressa comigo, reaparece, ressurgue. Que os deuses permitam que nele se espelhe esta ânsia de viver que é o prémio do meu próprio sacrifício... Que a saúde física e moral que conquistei fortaleça o seu sangue te tinta e a sua alma de papel... Durante os anos que passaram, embora sob a garra poderosa de um Mal — a única escravidão que nos minou — ele e eu cumprimos sempre, honradamente, o nosso dever. Atacamos sem uma vacilação, sem uma covardia, sem uma deslealdade

todos os tartufos, todos os tiranos com máscara, todos os canalhas em travesti de moralões... Era lógico que ele e eu fôssemos odiados, perseguidos, apedrejados pelos que espunavam de raiva, verdes de bilis, ante a impotência da sua infâmia e a resistência do nosso ataque... Com que afan essa alcatéia buscava na nossa vida sem biombos, no nosso passado sem labirintos nem alcapões, uma falha, uma fraqueza, um desfalecimento para se vingar, para o exhibir, para nos desmoralizar... E esfaçados, encontraram por fim uma bela arma de contra-ataque — uma palavra apenas, mas sonora, vistosa, pirotécnica; a única que abafava a nossa voz, que nos fazia calar, porque era tristemente verdadeira...

E com que volúpia eles enchavam as bochechas, a assopravam, como uma trompeta olímpica, a atiravam aos quatro ventos, a repetiam, a badalavam... E era contudo a única que nunca deviam pronunciar; era a única com que eu nunca chicotearia o meu inimigo...

HOMENS



FACTOS DO DIA

Que miseráveis!

E contudo eles sabiam as razões que me tinham levado a esse crime; eles conheciam as horas inquisitoriais que me fizeram resvalar nessa anestesia maldita; eles não ignoravam as causas angustiosas que me tinham obrigado a refugiar nesse esquecimento, nessa insensibilidade, nessa mentira!!! Eles sabiam, sobretudo, que uma vez escravo dessa palavra, todos os heroísmos, todas as energias, todos os esforços, se quebravam como frágeis lanças de Quixote contra moinhos invencíveis! Eles sabiam que eu lutava, que me desesperava como fera enjaulada contra as grades do meu cárcere moral! Eles tinham-me visto, muitas vezes, com a alma sangrar, ofegante, torturado, impotente, para dominar o inimigo que me escrevisava. Eles sabiam que eu odiava essa palavra, que havia um nobre coração de mulher que se despedaçava em silêncio ante a minha própria dor! E não houve piedade ante a minha dor; não houve respeito ante as lágrimas dessa nobre mulher; não tiveram remorso ante a sua própria covardia!

Que covardes!

Pois bem! Se todo o nosso crime — meu e do meu jornal; — se toda a nossa deshonra; se toda

Um caso... como há muitos



Iguais na qualidade, mas não na procedência.

O Contrabando do Crepe-Ceylão

Um «truc» vulgar — Académico, legionário e... candelão.

Para muitos e sobretudo para os comerciantes de crepe ceylão, a nossa reportagem vai ser uma pequena *boite à surprise*, pela revelação de um enigma, cuja decifração os vinha preocupando há muito.

Impossibilitados de citar nomes, por um dever de lealdade, a veracidade dos factos não deixará de ser incontestável, cumprindo às entidades respectivas, tomar as devidas providências.

Acceite a oferta de um amigo e aproveitando um dia de *calmaria*, saímos as barreiras dispostos a realizar um pequeno *raid* pelo Minho, a ouvir *in loco*, a sinfonia fronteiriça.

Ao fim da tarde, fatigados por um zig-zaguear incerto, durante algumas horas, entramos no *Internacional* de Monção, dispostos a bebericar qualquer reconstituinte e mal imaginando a surpresa que se nos deparou.

Um antigo condiscipulo, rapaz querido nas lides escolares, pelo seu espirito de camaradagem, abancava com um individuo de aspecto bonacheirão e proporções atléticas.

Afastamo-nos um momento dos companheiros de viagem, e, instalados à sua mesa, quisemos saber algo, daqueles anos de afastamento.

O «Junco» como lhe chamáva-mos devido à flexibilidade do fisico esguio, fixou as pupilas do companheiro e sorriu:

— Tenho levado uma vida rocambolesca — diz-nos — porém, apenas na sua intensidade, se assemelha à do herói de *Ponson du Terrail*. Fêz uma pausa, como a coordenar as ideias e prosseguiu:

— Fui militar; contudo, mal terminei o serviço, uma sede louca de aventuras, o desejo de absorver a longos austos, sensações novas e

ombros desdenhoso — ... fiz-me contrabandista. *Titanic struggle for life*.

Não pestanejamos. Após uma tal narrativa, esperávamos alguma coisa de pior, uma decisão mais brutal do destino. Como ficássemos silenciosos ante a sua afirmação, julgando-nos talvez mal impressionados, recomeçou, com calor:

— Mas, não julgues que isto de ser contrabandista, lá por estar fora da lei, é muito grave! Não! Se te apontasse uma dezena, daqueles com quem transaciono, ficavas maravilhado.

Conservamos o nosso mutismo, limitando-nos a fazer um sinal de assentimento. Então, esboçando um sorriso triste, prosseguiu:

— Ainda bem que concordas. Custar-me-ia imenso, que ao separarmo-nos levasses uma opinião muito desfavorável, sobre a minha pessoa. Um contrabandista... Rimos, e a uma interpelação nossa, continuou:

— É verdade. De facto apreenderam um bocado de crepe ceylão, para os lados de Vilar Formoso. Isso porém, é um *truc*, a que recorrem os pequenos contrabandistas, e os revendedores da provincia.

— ... ?!
— Sim. Explico-te já.
Acendeu um cigarro, lançou uma baforada aromática e começou:

— O crepe ceylão, geralmente de origem inglesa, fica ao contrabandista, por 6850 a sete escudos, isto é, pelo preço com que êle chega, às alfândegas portuguesas. Pagando os revendedores que pululam na provincia, uma média de três escudos, por cada quilo passado clandestinamente, e o comerciante legal, quinze ou dezasseis, por impostos alfandegários, o primeiro obtém-no a cerca de dez, ao passo que o segundo, não contando outras despesas suplementares, recebe-o no armazem, a uma média de 21 escudos.

— Mas — contestamos — isso não justifica a necessidade da apreensão!

Traído outra fumaça, voltou:
— Para mais tranquilamente poder agir, os revendedores necessitam de documentos, não é verdade? (*Aguardamos*). Pois é fácil, pedem-nos às autoridades, deixando num comum entendimento, entre meia dúzia dêles apreender uma quantidade regular, que arrematam depois, em hasta pública.

Compreendemos; porém, querendo ser mais explicito, conclui:

— De posse de alguns quilos, legalizados e obtidos, por um preço mais baixo, que o da importação à face da lei, o pequeno comerciante pode vender grandes quantidades, salvaguardado pelos documentos conseguidos, com esse *truc*, hoje vulgar em todos os ramos. Torna-se sobretudo muito pratico por não necessitar de um grande empate de capital.

Concordamos, que era de facto *muito pratico* e a conversa seguiu outro rumo.

SANTOS PEREIRA

Depósito de Gabardines

Apresenta o maior sortido em Lanifícios, Gabardines, Sobretudos, etc.

Vendas a prestações por conta corrente, e pelo mais aperfeiçoado sistema das prestações com bonus.

Castro Neves & Castro

R. Sá da Bandeira, 161 — Pegado ao Oculista

PORTO

OLIVEIRA

Calçado, malinhas, perfumarias e todos artigos de viagem. Inegualável nos preços e na qualidade.

R. Santa Catarina, 368 — PORTO

A célebre agência-Club de New-York

Uma fábrica de casamentos em Portugal

Uma noiva... e alguns milhões!!!

Os malabarismos do sr. Lamellas

Dominguez

Sinfonia

Uma das qualidades mais interessantes do repórter, aquela que o caracteriza, tornando-o inconfundível, é sem dúvida a curiosidade, revelada em todos os actos duma vida, por vezes tão agitada e cheia de imprevistos.

Se é verdade que o factor sorte, o auxilia muita das vezes no desempenho da sua missão, é indiscutível, o primeiro destes dotes, constituir o fulcro onde rola a sua existência. Prescutando, emiscuindo-se sorratamente, analisando cuidadoso o mais insignificante *fait-diver* da vida social, busca, sempre ansioso, qualquer coisa de novo, algo de inédito, capaz de compensar a energia dispendida, na correria apocalíptica, em que decorre a existência.

Porém, na reportagem hoje iniciada, somos obrigados a confessar em holocausto à Verdade, que sem uma estreita e harmónica cooperação de ambos os factores acima invocados, difficilmente chegaríamos a bom termo, com a brevi-

crápula, ou pelo menos manietar-lhe os movimentos, inutilizando a sua acção deprimente, para nós portugueses, que hospitalizando-o, somos seus cúmplices, perante o estrangeiro.

Rasgando um véu

Há muito tempo já, que vínhamos encontrando nos periódicos, tanto nacionais como estrangeiros, pequenos anúncios de casamento, nos quais os nubentes, possuidores de somas consideráveis, desejavam encontrar individuos de outro sexo, obedecendo a umas ligeiras prescrições, prescrições essas irrisórias, pela facilidade com que podiam ser satisfeitas.

Se isto nos surpreendia, numa época de tão feroz egoísmo, havia sobretudo uma particularidade, que aguçava o nosso apetite de curiosos: a invariável direcção dos intermediários, e o cuidado que elles punham em conservar-se incógnitos, não fornecendo aos interessados, a mais pequena indicação, na hipotese de desejarem avistar-se pessoalmente.

Dirigir-se: Club New-York — Oporto.

Este dístico imponente e immutável começou a matraquear-nos o cérebro e a sensibilidade, a tal ponto, que nos provocou o desejo de rasgar um pouco do véu, sob que Lamellas Dominguez, manobra cuidadoso.

Escrevemos para o Club de New-York — note-se, carta à posta-restante — apresentando-nos como pretendentes duma milionária urugayana. A resposta não se fez esperar.

O sr. Lamellas, com uma elegância de redacção, pouco vulgar, aplaudia as nossas boas intenções, prometia escrever-lhe imediatamente e pedia-nos algum dinheiro, para as primeiras despesas. Enviámo-lo e ficamos aguardando.

Entretanto, como era impossível ficarmos inactivos, pusémo-nos em campo.

A Providência, que nunca nos abandonou nos transe mais difíceis da vida, veio em nosso auxilio: decorridos poucos dias, descobrimos Lamellas Dominguez, que, como de costume, fóra a um diário desta cidade fazer inserir um anúncio.

Estava localizado o Club de New-York, cujas instalações, como acima dissemos, são na rua Santa Catarina, 269.

Enamorados

Daí em diante, o nosso trabalho não foi tão árduo.

Os elementos surgiam de todos os lados, inopinadamente, tornando-se apenas necessário coordená-los, dispô-los com método, formar um castastro cuidadoso.

Decorreram os dias, e, uma carta do Club de New-York, informava-nos que a pretendida



O sr. Lamellas, esquiva-se da objectiva...

noiva urugayana, estava ansiosa por conhecer-nos, solicitando uma fotografia. Aconselhava-nos também — como estimulante para abriremos a bolsa — a que escrevessemos algumas linhas, pois encarregar-se-iam de enviar tudo ao seu destino.

Entretanto, — isto é *naturalíssimo* — pediam mais algum dinheiro, para *despesas*, prometendo insinuantes mandar-nos dentro em pouco, a fotografia da almejada esposa.

A quantia avolumara-se, pois tornava-se necessário registrar...

Desistimos; porém, alguns conhecemos nós principalmente um cavalheiro do Cartaxo, que por causa da *nossa prometida*, veio, depois de ter gasto algumas centenas de escudos, de propósito ao Porto, para liquidar pessoalmente o assunto, em face do silêncio do sr. Lamellas, que já não respondia, às cartas do *velho* enamorado.

Ainda hoje nos rimos, quando recordamos a cena que elle fez, ao rasgar desesperado uma fotografia, cujo original, nós conhecemos perfeitamente; teve sorte o sr. Lamellas Dominguez!

Se nós e um compatriota seu, não conseguimos dissuadir o ludibriado galá, das intenções que o trouxeram ao norte, por certo teria passado um mau bocado, o merecido correctivo dos seus malabarismos.

Contudo, não tem sido sempre improficua, a acção do Club de New-York! Não! Lamellas Dominguez, casou, graças ao mesmo estratagemma, com uma senhora urugayana.

Houve mesmo, mais dois ou três consórcios, segundo nos informaram; porém, são pequenos casos isolados, e completamente desprovidos daquela grandeza pirotécnica, vulgarmente, reclamada.

Por hoje, basta — não queremos que o sr. Lamellas, julgue se quer, que pretendemos sufocá-lo; contudo, no próximo número, explicaremos o funcionamento do celeberrimo Club «Os Vermelhinhos», o *enigma*, das suas barbas patriarcaes, como se livravam mancebos do serviço militar, e o que tem sido a sua acção adentro das agremiações do seu País e etc....

S. PEREIRA



dade que se impunha, para decôr da sociedade e dum povo, que veem sendo ludibriados na sua boa fé e sagrado dever da hospitalidade.

O Club de New-York, cujo raio de acção se estende através de todos os continentes, tem as suas instalações na rua Santa Catarina, 269 segundo andar, escritório minúsculo, e bem apetrechado, mas não porque Lamellas Dominguez receba ali os seus clientes, pois que de há muito os não recebe — ignorando eles mesmo, o local onde se encontra instalado o famigerado club, como pode verificar-se pelos anúncios incertos na imprensa internacional e dos quais nós publicamos alguns para amostra.

Posto isto, a titulo de apresentação, vejamos como funciona esse pseudo-club, antro imundo donde se torna necessário desalojar semelhante

Ainda os Traficantes de Armas

Da Mandchúria a Hitler—Do petróleo do Chaco aos milhões de Garry

GUERRAS! GUERRAS! GUERRAS!



Hitler, num dos seus gestos reveladores

Não comecemos o pretenso ridículo de pensar que a nossa opinião possa influir nos destinos mundiais! ou ser sequer conhecida dos pilotos que conduzem os povos através da política. Mas a - pesar - da consciência dessa inutilidade reservamos o direito da revolta — tanto mais sagrada quanto é certo que o vendaval que esses homens semeiam, no egoísmo feroz das suas inconfessáveis ambições, pode sacudir-nos e sacrificar-nos também...

Há pouco tempo, um lunático — ou um hipócrita — o americano Kellogg — fez com que quasi todas as nações, pequenas e grandes, fracas e poderosas, assinassem o compromisso de não se servirem de armas — e das vidas dos seus filhos — como resolução de qualquer conflito... Desde então — quantas guerras estalaram, quantas vidas se perderam?

Os jornais vêm congestionados de notícias bélicas. O Japão guerreia a China; o Paraguay e a Bolívia combatem-se, rubros de ódio; a Colombia prepara-se para saltar sobre o Perú... Motivos? Um só: ambição... Os japoneses querem terrenos e mercados e cubiçam a Mandchúria; a Bolívia e Paraguay, agitando as bandeiras do patriotismo — disputam apenas o petróleo do Chaco; o Perú e a Colombia, lutam pela guloseima de Leticia... E esses crimes, são tanto mais nefandos e infames, quanto é certo que aqueles que os provocam, ocultam-se covardemente, impunemente — comodamente — atrás

das massas cegas do povo que eles embriagam, hipnotizam e atiram para a fogueira...

Mas não é só no Oriente, na Ásia, ou na América que a guerra, crepitando, se alastra e ameaça envolver uma dezena de países e destruir milhares de vidas... O que se passa na Europa não é mais tranquilizador... A Itália prende espíões franceses e condena-os ao degredo... A Roménia e a Polónia, a França e a Inglaterra estão diariamente a descobrir novos ninhos de espionagem... E se eles se espiam é porque se preparam para novas tragédias...

E foi em nome da paz nunca mais violada que ainda há poucos anos morreram *doze milhões de homens!*

Para cúmulo — Hitler conseguiu apoderar-se do Governo da Alemanha.

Hitler, com o seu bigodito charlotesco, as suas atitudes mussolinianas, as suas energias fáceis e negócios secretos — não deixa restabelecer a monarquia alemã — mas *Kronprinz* e os filhos de *Kronprinz* são seus aliados, seus correctores de homens, ilusionistas do seu trágico *music-hall* e o *Kaiser* rejubilou com o seu triunfo. Jura que não podem ser mais pacíficas as suas intenções — mas todos os dias os seus *nazis*, os seus *pistoleros*, tão perigosos como os do sindicalismo catalão, exercitam-se nas massas operárias e lançam gritos bélicos contra as outras nações... Hitler no poder, é a maior ameaça para a paz universal...

Mas Hitler, os imperialistas japoneses, os sequiosos do petróleo do Chaco, os abutres de Leticia, sendo os fazedores de guerras — são apenas comparsas de outros, mil vezes mais perigosos... Os negociantes de armas.

Há poucos dias um jornal inglês ria-se das nobres atitudes das potências recusando-se a fornecer armas e munições aos países beligerantes... E ria-se porque — dizia elle — emquanto houver deputados e governantes associados às fábricas de guerra, recebendo dividendos fabulosos — eles não-de-provocar sempre as guerras; e quando não o fazem na *própria casa* — incendiam-nas nas alheias...

Não é a primeira vez que nós revelamos o *bas fonds* desse trágico sangrento. E basta acrescentar uma informação estatística: os arsenais das potências estão hoje mais ricos que o estavam em 1914...

Os utopistas acalentam ainda uma esperança: que ao soar a hora maldita de uma nova Grande Guerra — a humanidade se recuse ao suicídio. Ilusões... Vejam com que entusiasmo os *nipons* se oferecem para a chacina da Mandchúria; o ardor com que os chinos se defendem; a loucura patriótica dos paraguayos, dos bolivianos, dos peruanos, dos colombianos que marcham para a morte como se fosse a Vida, o Amor a Ventura...

É que a Humanidade que podia resistir ao egoísmo dos traficantes da guerra, a Humanidade que sofreu quatro anos de trincheiras e de horrores — essa já não pesa — é como não existisse. A outra, a que está ameaçada, ignora ou esqueceu o que os outros sofreram, vive sobre as mesmas ilusões que fizeram a guerra de 14...

Um recorte de jornal — para rematar. É do *Daily Mail* de 1 do corrente:

Glasgow — Faleceu nesta cidade o famoso industrial Leo Garry — presidente de um importante *trust* de armamentos que tem o seu nome. Leo Garry que era pobre e começou a sua vida pela politica, como pacifista — deixa uma fortuna avaliada em dois milhões de libras, ganhas, sobretudo durante a Guerra...

Falta apenas acrescentar estes dois detalhes: que Leo Garry foi o fomentador de outras guerras; que a sua sinistra figura se recorta, como uma sombra através a sangria da guerra dos boers, das revoltas da Índia e do conflito balkânico.

Quantas vidas sacrificou elle para amearhar os seus milhões? E era pacifista, o traste... Calculem se o não fosse... Pacifista como Kellogg, pacifista como... Hitler...

MAR!...

geiros clandestinos

— O que diz o náufrago, recolhido pelo "Anow".

que fiscalizam a emigração clandestina, diz-nos:

— Muitas vezes afastados da Pátria e numa situação insustentável, pedem um subsídio no desejo de regressarem ao seio da família, quantas vezes, para ir morrer, ao torrão Natal. Verba, não há!

Então desesperados, dispostos a jogar a própria vida, aproveitam a confusão de um embarque, para se infiltrarem numa dessas maravilhosas cidades flutuantes, na ância bem humana, de se aproximarem da terra que lhes foi berço.

Irrisória esperança!

Geralmente descobertos, antes de saírem do porto, as autoridades não tardam a expulsá-los de bordo, arremessando-os ao calabouço; porém, esta captura é muito preferível, a chegarem ao largo, e serem lançados pela borda fora.

Demos um pulo. — Como?! Íamos perguntar, julgando não termos ouvido bem. José Diaz fez um gesto de silêncio, e, retomando a palavra, cita-nos cenas que êle mesmo presenciou, como a dum vapor de contínuas escalas por Leixões, em rota para a América do Sul, lançar ao mar um passageiro clandestino, por altura das Canárias!

Confessamos que uma dúvida atroz, ficara sôbre a veracidade, desta façanha.

Surge agora êsse náufrago, recolhido pelo vapor australiano «Anow», das carreiras do Pacífico.

Refeito do abalo sofrido, com a permanência durante alguns dias, numa ilhota perdida, no oceano, declarou:

— Embarcamos 3, clandestinamente, em S. Francisco. Ao quarto dia de viagem, fomos surpreendidos num porão, por um oficial, que nos intimou de pistola em punho a acompanhá-lo. Uma vez no convés, fomos agarrados e atra-



Aproveitando a confusão dum embarque...

dos pela borda fora. Muito embora desconhecendo a nacionalidade do barco, lembro-me ainda, que o casco era branco e vermelho, e o oficial falava numa língua, como a inglesa.

São decorridos dezóito meses, e, de José Diaz, nunca obtivemos a mais pequena notícia.

Terá perecido como tantos outros? Seria vítima da sua temeridade?

Se assim foi, Paz à sua Alma.

Santos Pereira

Reinaldo Ferreira

Coincide o reaparecimento do *Reporter X* com o regresso à actividade profissional do seu director — o nosso camarada Reinaldo Ferreira. Uma antiga intoxicação, ultimamente agravada, obrigou-o a três meses de isolamento e de tratamento, na Casa de Saúde Portuense, sob os bons cuidados, científicos e morais, do ilustre médico Dr. Augusto Pires de Lima. A cura completa de Reinaldo Ferreira é uma obra prima de aquêlê distinto clínico, para quem vai tôda a nossa gratidão, assim como para a gerência e todo o pessoal da Casa de Saúde Portuense, que foram dum constante e inextinguível dedicação e carinho para o nosso director.

CAFÉ EXCELSIOR

A delícia dos cafés



o melhor e mais
frequentado



Rua Sá da Bandeira

Porto

Os eternos Alpedrinhas

Como morrem os portugueses lá fóra

Como se trocam nacionalidades — A triste vida dos emigrantes
É preciso acudir a esta desgraça

Os jornais deram-nos esta semana, em curtas linhas, a notícia de que em Aubin (França) foram mortos numa desordem dois portugueses, marido e mulher, esfaqueados por um casal de espanhóis.

Quasi ninguém sabe onde é o Aubin e ainda menos os nomes das duas vítimas.

E isto é tão triste que nem sequer poderemos dar largas ao nosso sentimento, lamentando a desgraça que caiu sobre os pobres órfãos, desamparados e privados dos carinhos dos seus pais.

Esta história triste faz-me pedir que se olhe com atenção e amor pelos portugueses que a aventura leva lá para fóra, para não morrerem de fome, à mingua de trabalho, neste país tão cantado por poetas, mas onde faz ninho a desgraça e a miséria.

Após a guerra corria o boato de que em França se assegurava trabalho a toda a gente. Era um Eldorado cheio de promessas e de vida feliz.

Para lá foram muitos braços portugueses e lá se enraizaram a ponto de muitos se naturalizarem franceses, num desapêgo absoluto da sua Pátria.

É triste recordar episódios destes. Eles revelam o desamor nacional e a rudimentaríssima instrução distribuída aos portugueses.

Vou relatar-lhes um episódio que dá medida certa deste grande mal.

Foi em Setembro, à uma hora da madrugada, na gare de Medina del Campo.

Na para França gosar uns escassos dias de férias. No mesmo comboio viajavam um ro-

busto rapaz de 30 a 32 anos e uma pobre velhota de perto de 70.

Nas fastidiosas 3 horas de espera pelo comboio Madrid-Hendaye, a entreter o tempo, conversámos eu e o forte e robusto môço, enquanto a velhinha enxugava as lágrimas dos seus olhos enrugados.

— São saúdades, diz o môço...

— Saúdades da sua terra? — perguntei-lhe... Deixe lá santinha; por poucos dias será.

— Por poucos? acode o môço; para sempre. — ?!!...

— É o que lhe digo. Vem viver para ao pé de nós, eu, a mulher e os filhos... Que ficava ela a fazer na terra?...

— É a sua terra, a terra onde morreram seus pais, onde v. nasceu, onde ela esperava dormir descansadamente o sono eterno da morte.

— Ora, ora, meu senhor, isso era dantes. Para que serve isso?

— Para que serve?!!...

— «Sim, para que serve? A nossa terra é «aquela que nos dá o ganhar, que nos abriga «da miséria, onde se educam os nossos filhos, «onde se morre com conforto e onde quando a «gente adoce, não é preciso pedir esmola...

Assombrou-me este internacionalismo hirto, frio e calculado, onde não môra um sentimento, onde não vive uma saúde, onde se não sente uma emoção. Tudo se perdeu naquela alma ainda môça, alentada e forte. E porquê?

Na noite fria, mais enregelado pelas observações secas daquele racionalista inconsciente, calcureando a gare húmida, pensei a sério no problema exposto pelo môço que viéra à sua terra natal buscar as últimas raízes que cá o prendiam: — a sua mãe.

E interroguei, para melhor conhecimento dessa tragédia sem lágrimas, o rapaz. Inquiri da sua vida, das suas esperanças no futuro, das suas ideias e dos seus sentimentos.

Fôra engajado por um negociante de carne humana. Era do Pôrto e aprendera, em pequenino, a profissão de sapa-teiro.

Após a guerra, menor ainda, tentaram-o com a promessa de trabalho bem remunerado. Clandestinamente embarcou para França, onde foi arremetido numa legião de devastadores de florestas. Trabalho árduo de manhãzinha à noite. As mãos calosas, trilhadas, abateram-se um dia mortas de fadiga. Fugiu aos compromissos e largou deabalada até Paris.

Fez-se «chauffeur» e trabalha hoje na Perfeitura.

É feliz e é... francês.

Porquê?

Porque encontrou lá, mais forte que as cadeias da sua Raça e falando mais alto que a voz do seu sangue, uma legislação social que lhe dava promessas de bem-estar e de socêgo.

— «Olhe, aqui tem a minha caderneta «de operário.

E mostrou-me uma caderneta, bilhete de identidade onde estava inscrita toda a sua vida.

— «Veja... Leia...

E eu li. — Auxílio na doença, auxílio no desemprego, auxílio para a educação dos filhos, auxílio na invalidez e na velhice, auxílios para acudirem a qualquer desgraça...

— «Ora aqui tem o senhor o que me fez adotar «a nacionalidade francesa. Os senhores recri- «minam-me? Tenho pena de que não sintam «o que eu senti... Fariam a mesma coisa que eu fiz.

— Ah! isso não, isso nunca!...

— «E porquê?... Eu mal sei lêr, e o pouco «que aprendi ensinaram-mo em França... Mas «o que sei é que fui um desamparado pelos por- «tugueses, pelos de lá, de Portugal, e pelos que «topei cá fóra. Ninguém se importa comôso «uma vez passada a fronteira. A emigração é «uma aventura e, pronto, emigra-se e mais «ninguém se importa com a gente. Ficamos «perdidos neste mar do mundo... Se se morre «com algum vintém, ainda o Consulado apa- «rece para tratar do espólio... se, porém, ado- «cemos, ficamos ao abandono... Pergunte isto «aos muitos desgraçados que fogem de Portu- «gal para vêr se melhor governam a vida...»

E, parecia propósito, achegou-se a nós então um operário pobremente vestido, a rogar uma esmola. Era português também. Emigrara — emigraram-no — clandestinamente e ele ali andava atido à esmola, espreitando portugueses, de passagem para França ou de recolha a Portugal.

Contou-nos a sua miséria.

Que vida triste.

O «chauffeur» condeou-se dêle, que ia para Paris a vêr se se arranjava alguma coisa, ele que lhe desse a direcção; o que tinha era de fazer-se francês...

— Não, não; atalhei eu. Renegar a Pátria, trocá-la, não, não pode ser.

— «Mas eu tenho fome e ninguém de mim «quere saber — responde o desgraçado men- «digo».

Foi então que lhe falei numa nova hora que estava a surgir, reivindicações em marcha, o progresso e o renascimento em estado de sorrir ao mundo a apreçoar a vitalidade do nosso Portugal.

O «chauffeur» sorria, incrédulo; o mendigo chorava de saúdades e a velhinha, anichada, rezava as contas de um grande rosário...

O comboio Madrid-Hendaye chegava a Medina. Fomos procurar lugares.

Na gare o mendigo, petrificado, olhava-nos e agradecia a nossa esmola...

O comboio ronca, está prestes a partir.

— E agora que vai fazer? perguntei ao pobre que nos olhava, sem forças para um adeus.

— «Vou para Portugal... Oxalá o Senhor me tenha falado verdade...

— Vá, homem, que não há-de arrepender-se...

E de certo que não se arrependeu. O trabalho vai crescendo e, ao menos, eu tenho a certeza de que não foi esse pobre o anónimo que morreu na ignorada aldeia de Mas-de-Buffer, perto de Aubin, em França.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

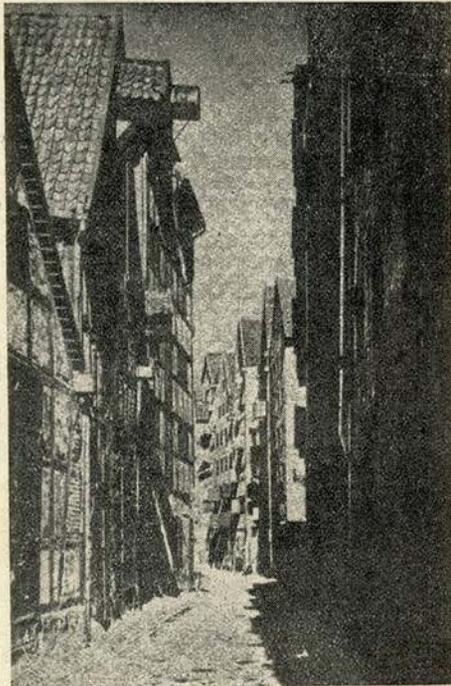
.....

.....

.....

.....

.....



Rua de Aubin onde foram encontrados mortos numa casa, o casal Português

No coração do Brasil

III

Onde se perdeu Fawcett

Nesta conformidade, tivemos de voltar para atrás até à bôca do Tarirapé onde tínhamos o acampamento. A jornada de 1000 milhas até ao Pará pelo Amazonas, prometia ser mais interessante. Nós tínhamos apenas uma «batalha» e o equivalente a 10 libras em caixa.

Chegavam até nós boatos (que afinal eram falsos) de que a revolução lavrava com intensidade no Amazonas.

Apenas um de nós podia falar com dificuldade o Português. Estávamos ainda muito longe de tomar um contacto, ainda que leve com a civilização.

A nossa tripulação compunha-se de três homens, um Índio, um negro, e o fiel Queirós. Mesmo nós, fomos obrigados a remar em turnos de dois e de uma hora cada turno. Três semanas e três dias depois de termos deixado a desembocadura do Taricajú aportamos a uma pequena vila de nome Conceição. Aqui, fomos muito bem recebidos por dois Missionários Dominicanos, empregados na árdua tarefa de civilizar os ferozes Índios Cayapos.

A trôco de uma pistola, dois pares de luvas pretas, pastilhas de quinino e uma seringa para injectar mordeduras de cobras, conseguimos arranjar uma tripulação de quatro pessoas, para nos passar nos rápidos do Marabá, que eram a quinze dias de jornada do Amazonas. Tivemos sorte com a tripulação, porque os arranjos baratos e trabalhavam bem, especialmente o chefe, que tinha estado já 55 vezes prêso e que guardava a absoluta certeza de chegar a 56 depois de ter sido pago no final da viagem. Mas depois de termos ouvido falar acerca dos perigos dos rápidos, estávamos inclinados a duvidar se o piloto escolhido era homem capaz para esse trabalho. Quando chegou a bordo, vinha cego de bebado e caiu duas vezes pela borda fóra, antes de perdermos de vista Conceição.

* * *

Os rápidos do Araquaya são qualquer coisa de belo e terrível, uma pessoa tem sempre a cabeça cheia do restolhar das

Os índios chavantes assando ao espeto um apetitoso cado.



águas que em mugidos contínuos, escoando-se e saltando sôbre os fragueiros, fazendo mil redemoinhos, sempre prontos a absorver para o seu revoltado leito os infelizes que tivessem a sorte de para lá cair.

A corrente impetuosa arrastava o barco com uma velocidade incrível — e a tripulação, com as pás metidas na água iam governando e afastando-o dos escolhos que surgiam constantemente à flôr da corrente. Por entre o ensurdecedor barulho que nos fazia assombrar, ouviam-se os contínuos gritos do piloto, que na frente e empunhando um longo croque ia afastando o barco dos escolhos e berrando à tripulação as manobras, para cortar os redemoinhos que se sucediam com incrível rapidez. As margens pareciam fitas cinzentas e sem contornos, tal era a velocidade do barco, que parecia uma casca de nós, perdida naquêles cáos revolvido onde saltava e se encabritava, parecendo caminhar para a perdição.

Mas cêdo passou, apesar da distância percorrida ser enorme. Alguns objectos saltaram pela borda fóra, os cobertores estavam molhados e o papagaio berrava

com esgares histéricos do susto que tinha apanhado — aproximamo-nos da margem serenamente onde descansamos. Pensamos antes que escusávamos ter guia para nos conduzir, mas vimos a necessidade quando atravessávamos os rápidos. Afinal e pior ainda que os rápidos é a «banzeira», vento rijo e que sobe o rio, agitando ainda mais as águas.

Viajar de noite era impossível, mas ainda assim, realizamos a viagem de Conceição a Marabá no tempo de record de 12 dias. Se a tripulação não se embebedasse todos os dias nos lugares em que acampávamos, de sorte que de manhã só depois de muitas instâncias se levantavam e se dispunham a marchar, nós teríamos chegado mais cêdo e aproveitaríamos a lancha que partiu horas antes... Assim tínhamos que esperar uma semana pela próxima lancha, apesar de estar garantida uma todos os dias. Mas ao menos entregamo-nos ao prazer de comer pão e beber leite há grande, e realizar o dinheiro suficiente para chegarmos ao Pará.

F. C.

MAMUEL SEIXAS

Foi no apogeu da juventude. A sua morte, tocou rudemente na sensibilidade de todos os seus amigos. Alma de criança num corpo de Hércules, de nada lhe valeu a sua força, o destino, senhor despótico do acaso, preparou-lhe a mais estúpida das mortes.

Nunca quisemos acreditar, que aquela tão infeliz queda, tivesse tão funestos resultados. Não quero acusar ninguém, mas a minha sincera opinião, é, de que uma grande incúria precedeu à morte dêste infeliz amigo.

Portou-se como um homem, resistiu durante 100 horas ao terrível envenenamento que lhe causava dores horribéis. Como futuro médico, conheceu os sintomas da sua morte, mas era tarde...

Vai nestas poucas palavras todo o sentir da minha amizade, que descance em paz porque nunca fêz mal a ninguém.

F. CAL

A "SINA" DOS IMPERADORES DA ALEMANHA

— Conclusão da página número 14 —

senta para um Hohenzollern a visita da Dama Branca?

— Não sou supersticioso, Alteza.

— Obrigado — disse. — E depois de uma larga pausa, riu-se com um parecer de pouca credulidade mas que no fundo era notória, a grande contrariedade produzida por essa aparição. — Se me sucedesse alguma coisa? Com esta é terceira vez que a Dama Branca me visita.

Como disse anteriormente, a batalha de Saalfeldt teve lugar no dia seguinte. O Príncipe Luís com ajuda da artilharia, favoreceu a derrota da retirada dos vários corpos de exército da Saxonia, que se encontravam em difícil situação. A sua heróica atitude, custou-lhe a vida, pois foi morto num breve duelo que sustentou a artilharia prussiana com a francesa do Marechal Gaiende.

Este é um dos casos que narra Nostitz, sintetizando o resto do seu documento a que nos estamos a referir. Devemos acrescentar que as luvas da Dama Branca teem uma extraordinária significação. Luvas pretas, querem dizer a morte de um Príncipe, brancas de uma princesa.

A primeira aparição da Dama Branca foi nos dias do Reinado de Frederico I, filho do Grande Heitor que viveu de 1657 a 1713. A partir desta data nenhum Hohenzollern morreu sem receber antes a sinistra visita.

Frederico, o Grande, que como o seu descendente, Guilherme II entretinha seus ocios executando obras de carpintaria, teve um dia o capricho de construir o seu próprio sarcófago. Uma noite e no decurso de umas grandes festas palacianas, quis fazer uma partida aos seus últimos amigos e os fez conduzir à oficina onde os recebeu deitado no ataúde. Quando maior era o interesse despertado pelo facto, Frederico o Grande viu a Dama Branca cruzar a sala de trabalho. Os gentis-homens que a viram também, ficaram consternados. O grande Fritz, o velho amigo de Voltaire, limitou-se a perguntar de que côr eram as luvas que trazia — Pretas, Majestade — responderam: Na manhã seguinte, um colapso cardíaco, pôs fim à inquietante carreira do engrandecedor da Prússia.

A Dama Branca, segundo as informações que se puderam colher nos arquivos Reais do Postdam, foi a esposa de um nobre, pertencendo a uma das mais prestigiosas famílias prussianas. Um manuscrito, assegura que esta mulher, de surpreendente beleza floresceu na primeira metade do século XIV na

côrte dos senhores da marca de Brandeburgo, fidalgos que com o decorrer do tempo, haviam de cingir a corôa do legendário Império Germânico. A guerra arrebatou o marido a esta singularíssima mulher, que ao cabo de um ano de luto, voltou a mostrar-se na sociedade. A sua reaparição na côrte, causou profunda sensação; e mais formosa, mais sedutora, mais esquisita do que nunca, a jovem viúva, conquistou o coração de um Hohenzollern.

O romance parecia jamais acabar. Um e outro, pareciam achar-se cada dia mais apaixonados. Entretanto quando chegou o dia para se fixar a data do casamento, o Hohenzollern recordando a manifesta antipatia com que o olhavam os filhos da enamorada viúva, desistiu dos seus propósitos matrimoniais dando como razão, «de que nunca poderia suportar o olhar carregado de ódio, daqueles quatro olhos». — E louca de amor, a Dama Branca chegou até ao mais odioso dos ciúmes para satisfazer a sua paixão —; e os quatro olhos, nunca mais olhariam com ódio o Hohenzollern, porque a Dama Branca com as próprias mãos, os arrancou das suas órbitas.

O espantado Hohenzollern, foi impotente para sustentar a acção da justiça. E a Dama Branca, sentindo-se irremediavelmente perdida, enforcou-se na sua cela, e seu belo corpo, ao que foi negado sepultura cristã, foi enterrado uma noite no coração dum bosque, muito perto de Berlim.

Desde então o espirito da Dama Branca, vagueia desolado, ansiando vingar-se dos Hohenzollern, por amor de um dos quais fez tão cruento e estéril sacrifício. O próprio Napoleão, sentiu-se interessado neste mistério e durante uma das suas campanhas pernottou na câmara de Frederico o Grande onde tinham sido mais frequentes as aparições do sinistro fantasma. O Imperador, assegurou depois ao Marechal Ney, que tinha visto a Dama Branca e quando da derrota que o conduziu a Elba, em uma das suas cartas para a rainha Hortênsia, recordava aquela aparição como um augúrio de catástrofe. Guilherme II o ex-kaiser, foi o primeiro que combateu o supersticioso temor da sua família às aparições da Dama Branca. Durante muito tempo, foi sua convicção de que se tratava de «uma conversa de comadres» conseguindo manter afastado o sinistro fantasma. Mas, passaram os anos, e uma noite, de

um extremo ao outro do Palácio Real ouviram-se gritos de espanto. A Imperatriz Augusta Victória acabava de receber a ameaçadora visita, que trazia luvas brancas. — Vinte e quatro horas depois — Guilherme II era viúvo!

Duas vezes mais teve Guilherme II de se render à evidência — A Dama Branca, como a Napoleão, anunciou-lhe a derrota, no momento que repercutiam os ecos dos primeiros tiros da Guerra Mundial passeando-se no mesmo instante, pelo salão onde o Kaiser e seu estado maior, planeavam a invasão da Bélgica. Mais tarde, quando do Armistício e de seus tratados consequentes que puzeram termo ao regímen monárquico na Alemanha, a Dama Branca, seguiu o Hohenzollern ao seu destêro. Uma noite, foi vista por um dos filhos do ex-imperador. E o Príncipe Joaquim, suicidou-se naquela mesma noite.

Esta foi a última vítima da Dama Branca que também marca a sua última aparição. Só o futuro nos poderá dizer, quem será a próxima vítima da insaciável alma penada.

F. C.

BREVEMENTE:

Memórias de um
ex-morfinómano

Livro de sensacionais
revelações

POR

Reporter X

Medicos falsos e verdadeiros

— Continuação da página 9 —

O detalhe «insignificante» dos falsos médicos

Mas vamos acabar com o capítulo dos falsos médicos que pouco interesse oferece, que não pertence ao problema em foco — ao grande problema — que só por extranho (?) fenómeno se juntou e se confundiu com o outro caso ou que, pelo menos, o quiseram confundir. Que a burla dos falsos médicos era uma ameaça cruel e criminosa para toda a população — quem o dúvida? Mas não se trata apenas dos três falsos médicos, agora sob ferros da justiça, nem das suas vítimas, por mais numerosas que sejam. Trata-se dos outros, dos muitos falsos médicos que continuam a exercer impudentemente o seu azeite e perigoso charlatanismo não só nas cidades mas em toda a província; trata-se de milhares e milhares de desgraçados que se entregam, como cegos, nas suas garras e que deles saem sem vida ou sem camisa! Que importa a prisão de três criminosos — se eles formam legiões? Que importam dezenas de vítimas — se elas sucumbem, a diário, às centenas?

Agora vamos ao vértice do problema — do pequeno (?) problema ou antes do problema criminal gêmeo de todos os crimes sistematizados. Basta disparar uma pergunta: *de quem é a culpa?*

Existe um aspecto da questão que não respondendo à pergunta, não resolvendo o problema — é indispensável encarar-lo agora — embora já o tenha insinuado mais acima. Como se explica que esses três curandeiros tenham podido exercer, durante anos seguidos, a sua vil intrusão, na capital do país, semeando a dor, o luto e o desespero em dezenas de lares, sem que as famílias das vítimas os denunciasses, sem que os médicos verdadeiros que eram chamados depois e que constatavam os seus diagnósticos e as suas receitas trágico-cómicas, se alarmassem; sem que a Associação Médica e a Direcção Geral de Saúde fôsem picadas por uma suspeita, sobretudo depois de haver estreado na imprensa, há quasi dois anos, acusações claras contra eles? Lisboa não é uma cidade nem tão grande que possa encobrir casos como os relatados agora — só agora — que extranha série de coincidências, de simultaneidades! — nem tão pequena que... possa permitir — por ignorância indulgente e provinciana — uma tão longa impunidade desses criminosos! Mas há mais ainda: é que havia centenas de indivíduos que sabiam que eles não eram médicos! Sabia-o eu, embora ignorasse os nomes! Tratei do caso — *fantasias e calumnias* do «Reporter X»... E eis que um dia, bruscamente, sem uma oportunidade, ao mesmo tempo que estava metralha contra alguns médicos verdadeiros, é que surge uma denúncia médica na Polícia e a Polícia os prende e as vítimas de há anos se queixam e revelam as graves infâmias dos falsos médicos!

Extranho! Muito extranho mesmo!!!
Mas — repito — de quem é a culpa?

De quem é a culpa?

A culpa — extranho paradoxo — (e é esta a razão de todos os episódios, antigos e modernos, que narrei) é quasi exclusivamente do público — ou seja das próprias vítimas. O povo; e não só o povo, a burguesia e por vezes aqueles que se basofeiam d'élite — tem um instinto rancoroso, prevenido, duma hostilidade birrenta e injusta, não só contra a medicina como contra toda a ciência, honesta e séria. Entre um médico ilustre e um charlatão de feira — a maioria não hesita: crê no charlatão, desconfia e calunia até o médico. A sua indulgência entre as

catástrofes consequentes da ignorância do curandeiro — atinge por vezes o inverosímil. Desculpa-lhes todos os erros inevitáveis! Perdoa-lhes todos os crimes! Em compensação é intránsigente até à injustiça ante os verdadeiros médicos! É essa maioria que odeia a ciência, a verdade, o progresso quem torna possível, quem explica, quem cultiva os curandeiros, os falsos médicos, os seus algozes.

Se outra razão não hovesse para se ser prudente quando se ataca o prestígio da classe médica — bastaria esta: a de não agravar essa descrença odienta, merecida e lorpa do vulgo pela verdadeira medicina, descrença que se transforme numa constante e perigosa ameaça contra os próprios descrentes! E, sejamos justos! — por muitos erros, por muitos egoísmos, por mais graves que sejam as faltas que possamos apontar aos verdadeiros médicos — entre estes e os outros, por amor de Deus! — nem tu leitor nem eu hesitaríamos...

Os «outros»

Vejamos agora o caso dos verdadeiros...

Não quero, já o disse, tratar do episódio isolado — mas sim partir dele para o problema geral. O episódio símbolo, se é antipático pelo egoísmo maquívico dum dos três atacados; se é grave pelo erro cirúrgico dum outro — e absolutamente defensável na intervenção do terceiro — o Dr. Francisco Gentil. É preciso ver que esse médico expôs apenas uma opinião que não podia deixar de ser sincera e baseada em fortes razões científicas — mesmo quando errada — e que deu quarenta probabilidades sobre cem — e que bastaria uma... para não ter errado. Mas por miú severo que seja o castigo moral que mereçam — não podemos esquecer o passado deste último que, pelo menos é brilhante para a nossa cirurgia.

Mas o problema é outro. Portugal é dos poucos — se não o único — país do mundo onde os médicos não desfrutam duma lei de responsabilidade profissional. Insisto na palavra *desfrutam* porque os verdadeiros, os honestos, os honrados, mesmo os que não tem categoria de sábios mas que são conscienciosos, aspiram a ela como uma necessidade inadiável, como um bem supremo para a sua tranquilidade e para o prestígio da sua classe. Esses, por mais modestos que sejam, não a temem porque... a sua consciência não os assusta! E se ela existisse — já havia razão para criticar e evitar os debates públicos que desacreditam a profissão e que injectam uma maior fé nas multidões pelos curandeiros perigosos.

Exibamos uma síntese do que é a «Responsabilidade Profissional» dos médicos em França. Este caso, ao contrário do caso do falso charlatão de Toluse, foi bem apregoado pela imprensa. Um jovem clínico, recém-saído da Escola, pobre e desprotegido, foi instalado numa aldeia onde não havia médicos. Uma noite chamam-no para um parto difícil... Era urgente a intervenção cirúrgica — mas... o pobre rapaz não possuía material. Para o solicitar do hospital mais próximo era necessário perder algumas horas — horas que podiam ser fatais — irremediáveis! Mas eis que o jovem médico, ansioso de cumprir o seu dever, pergunta ao marido da parturiente — um operário — qual a sua especialidade. Pede-lhe para examinar a ferramenta do ofício — e a-pesar-da sua grosseria e da sua insuficiência resolveu usá-la e preencher com ela a lacuna do material cirúrgico. Dois dias depois a criatura morria. Alguém insinuou ao viúvo que a morte da mulher era provocada pela incompetência do médico — e o viúvo apresenta uma queixa. Forma-se o tribunal... O médico que acusa tinha sido professor do acusado — e não duvi-

dava da sua boa vontade. «Paz aos homens de boa vontade»... proclamou Cristo — mas em responsabilidade médica *fia mais fino!* Não basta!

— «Antes de mais nada, é preciso saber se o acusado — diz o acusador — com o material improvisado de que dispunha podia ou não salvar a doente; porque só o facto de o não ter hesitado em usá-lo não o defende, porque era o seu dever! Ora provou-se que a-pesar-do mau material era possível salvar a doente! Ora era possível — e ele não o conseguiu, cometer, a-pesar-de toda a sua boa vontade, um erro inadmissível! Portanto é um perigo social esse indivíduo estar munido por uma carta que é, para o público, a garantia de uma ciência pela qual se lhe entrega, confiadamente; e não saber ou não poder salvar quando essa ciência dispõe de elementos salvadores... é contra toda a lógica!»

E foi condenado!

As responsabilidades profissionais

Ora em Portugal não existe responsabilidade profissional para os médicos. E contudo são os próprios médicos que a pedem. A Associação Lusitana do Porto enviou à tempos a sua congénere da capital, as bases dessa lei... Médicos liboetas — ignoro quais e quais as razões — abafaram-na...

Mas note-se: como podemos, nós, público, nós doentes actuais ou... futuros, exigir para uma só classe todos esses rigores — se poucas ou nenhuma classe se encontra sob a prensa indispensável de uma lei idêntica?

As leis de responsabilidade profissional são a lacuna mais grave do nosso organismo social — mesmo para os advogados que possuem uma ordem profissional! E porquê? Porque a-pesar-de elas existir, ainda... Mas eu hoje não trato dos advogados.

As sinetas de alarme apenas retiniram contra os erros ou crimes... chamemos-lhes *técnicos*! Mas é só essa a responsabilidade profissional que se pode exigir aos médicos — e quem diz médicos, diz advogados, jornalistas? Mas! Os erros e os crimes morais cometidos à sombra duma garantia profissional, não são menos graves do que os técnicos! Sobretudo nos médicos! É preciso recordar os casos em que médicos expõem o pai, o marido duma doente, sob o dilema duma determinada soma como preço duma operação que consideram inadiável, sabendo que esse pai, que esse marido não possui a soma exigida. É preciso recordar esse «ou roubas o dinheiro que eu quero ou perdes o ente que te é querido»; é preciso recordar aqueles que sob a garantia da dor e da ansiedade duma família, cometem as piores abjeções profissionais — para se compreender que tão necessário é exigir responsabilidades técnicas como morais, aos indivíduos que exercem certas profissões — a começar pela minha — pela de jornalista.

É que qualquer indivíduo pode tomar as suas precauções contra qualquer assalto à sua vida; contra qualquer ataque ao seu lar; pode até, mesmo bom católico, evitar a acção nefasta dos mais sacerdotes. Contra um médico que ele não pode deixar de abrir as portas da sua casa, obedecer-lhe cegamente, porque o faz pela salvação de um ente querido — ou contra o jornalista que adulterá a sua missão sagrada é que não há outra defesa.

É este o único, o grande problema em foco. O resto são casos passageiros.

PAPELARIA REIS

As mais amplas e modernas instalações do País

cursos

permanentes

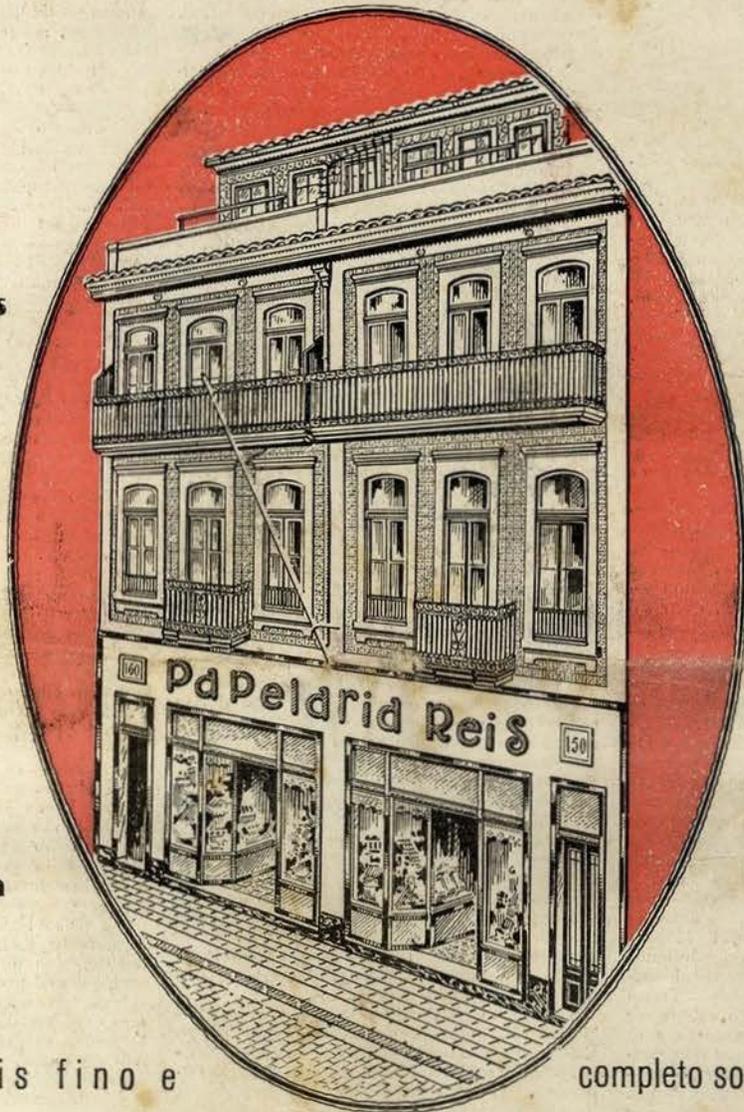
de

desenho

pintura

e

arte aplicada



exposição

permanente

de

quadros

dos

melhores

pintores

O mais fino e

completo sortido em:

Artigos de Papelaria — Objectos para Escritório
Objectos para Brindes — Artigos de Belas-Artes
Flores Artificiais — Perfumarias

Vendas por grosso:

Papelaria
Coloniais

150, RUA DAS FLORES, 160

Porto

Comunicações urgentes:

Teleg.: Pencil
Telef.: 1695